

**CLAUDIA RAIA
COM
ROSANA HERMANN**

**SEMPRE
RAIA
UM NOVO
DIA**

MEMÓRIAS



Rio de Janeiro, 2020

Copyright © 2020 por Claudia Raia e Rosana Hermann

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

DIRETORA EDITORIAL Raquel Cozer

GERENTE EDITORIAL Renata Sturm

EDITORA Diana Szylit

COPIDESQUE Laura Folgueira

REVISÃO Laila Guilherme, Daniela Georgetto e Pamela P. Cabral da Silva

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Maikon Nery

TRATAMENTO DAS FOTOS DO MIOLO Juca Lopes

CAPA

DESIGN Maikon Nery

FOTOGRAFIA Vinícius Mochizuki

BELEZA Ale de Souza

PRODUÇÃO DE MODA Amanda Collatto

STYLING Juliano e Zuel

Claudia veste camisa Hugo Boss e terno Vitor Zerbinato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R1295

Raia, Claudia, 1966

Sempre raia um novo dia / Claudia Raia e Rosana Hermann. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

ISBN 978 65 5511 069 2

1. Raia, Claudia 2. Atrizes – Brasil – Biografia I. Título II. Hermann, Rosana.

CDD 927.92

CDU 929:7.071.2

20-3221

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de suas autoras, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — Cep 20091 005

Tel. (21) 3175 1030

www.harpercollins.com.br

Sumário

Prefácio

Meu primeiro casamento tinha tudo para dar errado. e deu

O primeiro grande amor da minha vida

Um sonho de mãe

Meu pai

Minha culpa, minha máxima culpa

Ex-virgem

New York, New York

Conexão Nova York–Buenos Aires, com escala em Campinas

Ditadura, prisão e labaredas

A Chorus Line ou “minha vida daria um filme”

Mas tudo era tão bonito no balé

Paixão tão louca que arrebatava

Roque Santeiro, minha primeira novela

A fé escala montanhas

A entrevista definitiva

Feliz amor novo

Carta para meu filho enzo

Psicopata, aranha e vampira-mãe

Itanhangá

O bastão da família e um concerto para dois

Anjos da guarda na terra e no céu

Uma última história

Créditos das imagens

Sobre as autoras

Dedico este livro às principais figuras femininas que me inspiraram e me fizeram chegar até aqui: minha mãe e minha irmã, Odette e Olenka Motta Raia.

“SHE’S THE ONE”

Escrevo estas linhas à guisa de prefácio bem cedo numa manhã de domingo, quando São Paulo começa a despertar lenta e preguiçosamente sob a minha janela. Quando me sentei para escrever, não havia som algum na calçada e o dia era apenas uma promessa, de modo que aproveitei o silêncio e a penumbra para mergulhar no passado, buscando a silhueta daquela jovem mulher de malha de balé que eu vi pela primeira vez no palco décadas atrás.

Encontrei muito mais do que esperava. Fui tragado pelos labirintos das fibras óticas, visitei tanta coisa, soprei a pátina do tempo e revi tanto afeto, tanto amor que, quando dei por mim, estava chorando, e o dia, só por capricho, despertara ensolarado e azul. Tudo isso porque me sentei para falar daquela moça que eu vi no palco na montagem brasileira de *A Chorus Line*. Maria Claudia, a filha de Odette, irmã caçula de Olenka, que cruzou engatinhando o linóleo da sala de dança da academia de sua mãe para erguer-se apoiada na barra. E foi na disciplina da barra que se foi moldando a personalidade da moça, pois os bailarinos precisam ser delirantes para suportar tamanha provação física.

Os bailarinos sonham, enquanto a musculatura trabalha. Sempre. E sonhos nunca faltaram para ela, eu soube logo que a conheci, exuberante, generosa, transgressora, divertida, mas, acima de tudo, amiga. Não sei exatamente o que determina que laços assim se formem,

a partir de um encontro e de uma noite de risos e conversas, mas nosso amor foi instantâneo e definitivo.

Tive ao lado de Claudia Raia alguns dos momentos mais felizes de minha carreira nos palcos. Acredito que ela tenha contado algumas passagens divertidas de nós dois, de modo que não vou oferecer *spoilers* a vocês, mas foram muitos os momentos em que eu pude aprender com ela.

Claudia me ensinou muitas coisas, mas talvez a mais importante tenha sido aprender a ter prazer na disciplina. Durante nossas longas temporadas, viagens e camarins, eu tive o privilégio de ver sua impecável conduta profissional, e agradeço a ela por ter trazido suavidade para as tarefas que me pareciam maçantes e repetitivas.

Ao lado dela, viajei pelas terras portuguesas, e há duas histórias de que gosto de lembrar. Uma no Teatro Tivoli, na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Tínhamos casas lotadas e aplausos generosos, e, na boa tradição europeia, o cortineiro abria e fechava o pano conforme a intensidade dos aplausos. A primeira cortina é sempre determinante, de modo que, quando avançávamos para o proscênio para agradecer, Claudia o fazia como uma *prima ballerina*, levando a plateia ao delírio.

Um dia, saindo de cena, o cortineiro me chamou e me mostrou, afastando o veludo com as mãos, os rostos do público, que ainda aplaudia. “Veja a felicidade que a menina deu a eles”, ele me disse. E eu nunca me esqueci desse momento, como também não me esqueci dos travestis do Porto, na saída do Coliseu, trazendo velas votivas de Nossa Senhora de Fátima, e o carinho com que ela os abraçava. Ali, tudo subitamente se explicou. Fez-se a luz que iluminou a estrada de uma linda e respeitosa amizade construída com alegria, música, disciplina, respeito e admiração. Mergulhem nessas águas sem susto. É bem provável que vocês terminem dançando.

Miguel Falabella

Copyrighted image



Um sonho de adolescente.

MEU PRIMEIRO CASAMENTO TINHA TUDO PARA DAR ERRADO. E DEU

Quando o motorista parou o Jaguar cor de chocolate em frente à igreja Nossa Senhora da Candelária, no centro da cidade do Rio de Janeiro, achei que a pior parte do meu casamento já tinha acabado.

Eu tinha feito o trajeto inteiro, do Hotel Glória até ali, deitada de lado no banco de trás, imóvel, praticamente entalada, simplesmente porque eu não cabia no carro montada como estava.

Além de ser alta, meu cabelão enorme era quase uma alegoria aos anos 1980 e estava envolto por uma “aura”, um esplendor gigantesco criado pela estilista Carla Roberto. O buquê, de orquídeas e flores silvestres em cascata, era igualmente imenso, e o véu de tule tinha nada menos que dezoito metros de comprimento. Isso mesmo, dezoito metros, o equivalente a um prédio de seis andares, quase a altura da pirâmide do Louvre. Os brincos gigantes criados pelo joalheiro Antonio Bernardo deixavam minhas orelhas iguais às do doutor Spock, e meu vestido de noiva, todo feito de cetim bordado com pedrarias, tinha cauda e mangas compridas.

Naquela posição esdrúxula e nada glamorosa, tudo o que eu queria era descer do carro e ficar em pé.

Era 15 de dezembro de 1986, uma segunda-feira. (Eu sei, ninguém se casa numa segunda-feira. Mas qualquer excentricidade parecia pouco para a jovem de dezenove anos que eu era então.) Mesmo às sete da

noite, fazia um calor de quase trinta graus. E em frente, ao lado, atrás, em cima da igreja, uma multidão se aglomerava para acompanhar o casamento.

“Meu Deus! De onde brotou tanta gente?!” , pensei.

Mas a resposta era óbvia. A aglomeração tinha brotado por causa do convite que Alexandre Frota, o noivo que me esperava lá dentro, havia feito no sábado anterior, para todo o Brasil, no *Programa do Chacrinha*. Resultado: 10 mil pessoas esperavam do lado de fora para ver a chegada da noiva, que até alguns meses antes estava todas as noites na TV como a musa do Lobisomem, interpretado por Rui Rezende, na novela de maior audiência da história do Brasil, *Roque Santeiro*.

Assim que o motorista abriu a porta e a multidão cercou o automóvel, o pesadelo começou a tomar proporções épicas. Lentamente, me arrastei pelo banco para descer de ré, na esperança de apoiar meus pés no chão e conseguir me catapultar para a liberdade. Mas, como tudo o que é ruim pode sempre piorar, na hora em que minhas pernas saíram pela porta, uma fã roubou um dos meus sapatos. Claro que eu não ia me deixar abater por aquele detalhe. Como bailarina experiente e atriz disciplinada, assumi o papel de Cinderela e fui em frente, com um pé no sapato de salto e o outro descalço, na meia ponta.

Quando cheguei na porta da igreja, no meio da gritaria dos fãs, minha mãe surgiu ao meu lado, do nada, e disse:

— Minha filha, não casa. Esse homem não é pra você.

Agora, repare no *timing*. Ela não falou isso uma semana antes do casamento. Nem na véspera. Nem enquanto eu estava me vestindo. Minha mãe, Odette Motta Raia, que sempre foi tudo pra mim, estava dizendo para eu não me casar alguns segundos antes de eu entrar pela porta daquela igreja lotada, com vinte casais de padrinhos, três mil convidados com crachá, centenas de amigos, familiares, atores, atrizes e diretores de televisão à minha espera, além de uma festa organizada para quinhentas pessoas depois da cerimônia religiosa. Ali estava minha mãe, direto da sala de controle, dizendo para eu abortar a missão e voltar para o planeta Terra.

Aquilo não fazia nenhum sentido. Até porque, sendo minha mãe,

ela deveria saber melhor do que ninguém que uma capricorniana como eu não conhece o termo “desistir”. Quem tem o sol no meu signo conjuga verbos como insistir, persistir, superar, conquistar, arrasar, dar a volta por cima, triunfar. Mas desistir? Jamais! E assim, contrariando minha mãe, os astros e o bom senso, entrei em cena pelo tapete vermelho, sozinha, para me casar com aquele homem.

Enquanto desfilava com meu vestido de sereia metalizada em câmera lenta, no meio de uma nuvem de gelo seco, eu olhava para todos na certeza de que, dentro daquele traje esplendoroso e com tantos adereços extravagantes, ninguém prestaria atenção aos meus pés. Para garantir, eu sorria de forma escancarada para os convidados, entre eles Chacrinha, Chico Anysio, Anísio Abraão, Walter Clark, Betty Faria e todos os que receberam nosso convite de casamento, primeiro trabalho profissional do jovem diretor de arte Giovanni Bianco, que anos mais tarde trabalharia como diretor-geral da revista *Vogue Itália* e, por uma década, com a cantora Madonna.

Chegando perto do altar, Alexandre, todo de branco, com um fraque de gorgorão de seda e camisa branca também de seda, me esperava radiante. Foi então que notei que minha irmã Olenka, que seria uma das damas com Angela, irmã de Alexandre, não estava lá. Minha mãe, que eu tinha encontrado na porta da igreja, também não. Só vi minha avó, sentada, com minha sobrinha no colo e mais nenhum familiar meu. Eu não tinha nem para quem entregar o buquê.

Eu sempre soube que no dia em que me casasse entraria na igreja sozinha, porque perdi meu pai ainda criança. Mas como podia não haver ninguém da minha família ali? Minha indignação era tanta que quase perguntei “como assim?!” para o padre. Mas não ia adiantar. Ele também não sabia que, no intervalo de tempo entre minha entrada pela porta da igreja e minha chegada ao altar, minha mãe sofrera uma hemorragia apocalíptica e estava no *back-stage*, com minha irmã e os outros familiares, jorrando sangue por todos os orifícios, antes de ter que ser levada de emergência dali para o hospital.

Claro que eu só fui saber disso muito depois. Meu roteiro foi cumprido à risca, com direito a “sim”, beijo cinematográfico e aplausos.

Na falta de qualquer parente, acabei entregando o buquê para o Chacrinha, que era quem estava mais perto.

Por um instante, acreditei que a sucessão de pragas do Egito daquela noite tivesse terminado, mas ainda faltava uma. Quando me virei para sair da igreja e fui ajeitar meu véu, descobri que os dezoito metros de tule tinham desaparecido, sumido, picotados por fãs ou, quem sabe, por uma nuvem de gafanhotos invisíveis comandados pela bruxa que roubou meu sapato.

Curiosamente, depois de me casar sem pai nem mãe, sem irmã, sem um sapato e sem véu, entre a saída do casamento religioso e a realização do casamento civil, que aconteceu na recepção do Hotel Copacabana Palace, nada de muito errado aconteceu. Até minha mãe apareceu na festa, com outra roupa, aparentemente recuperada da hemorragia de fundo emocional e sem nenhuma sequela.

O Grande Roteirista do Universo deve ter dado uma trégua na história, guardando a cereja do bolo para a lua de mel. Destino? O último lugar para onde uma pessoa branquela como eu, que não toma sol nunca e detesta praia, deveria ir: o Havaí.

Mas, quando se tem dezenove anos e toneladas de hormônios bombando a libido, a pessoa é capaz de ir para o fim do mundo com escala no inferno — o que mais ou menos descreve aquela minha viagem, feita em um cruzeiro no qual a única coisa pacífica era o oceano.

A parte do navio tinha me animado durante os preparativos, e a produtora nata que habita em mim havia mandado fazer uns chapéus belíssimos de linho e palha para compor meus *looks* a bordo. Para não amassar, levei os acessórios em suas respectivas chapeleiras que, mesmo leves, ocupavam um bom espaço. E “espaço” é uma palavra que não combina com cabines de navios. Assim que abrimos a porta, ficou claro que, naquele cubículo, não teria como enfiar uma mulher alta, um homem grande, cinco malas e várias chapeleiras. Alguma coisa teria que ficar de fora, e Alexandre imediatamente decidiu que seriam meus chapéus. Foi assim que, sem a menor cerimônia, ele os jogou ao mar, com caixa e tudo!

Meu impulso foi fazer com ele o mesmo que ele fez com meus

chapéus. Mas, naquele momento, ficou tão óbvio que não éramos almas gêmeas que decidi que o que ficaria de fora da cabine seria nossa lua de mel. Olhei na cara dele e declarei:

— Eu não vou ficar com você.

Fui até a administração do navio e tratei de providenciar outra cabine para mim. Dos oito dias de lua de mel a bordo, fiquei cinco sem falar com ele. Estávamos de mal e no mesmo navio. Recém-casados e brigados. E a pergunta que eu repetia a mim mesma — e que, certamente, minha mãe, meus amigos, o padre, a mulher que roubou meu sapato e até o motorista do Jaguar também fariam — era: “Por que eu me casei com esse cara?”.

Tratava-se, no entanto, de uma pergunta equivocada — que, aliás, não me impediu de seguir casada com ele por mais cinco anos. Alexandre era bonito, atlético, divertido. Nós tínhamos não só uma forte atração física um pelo outro, mas também uma química perfeita, éramos jovens, estávamos construindo nossas carreiras, tínhamos mil razões para ficar juntos. A pergunta certa, precisa e cirúrgica, seria: “Por que eu me casei com esse cara *agora?*”.

E a resposta era outro cara: Jô Soares.

Copyrighted image



Jô e eu no intervalo das gravações do *Viva o Gordo*.

O PRIMEIRO GRANDE AMOR DA MINHA VIDA

Jô Soares entrou em minha vida quando eu era muito jovem, para nunca mais sair. Ele foi meu namorado, meu amigo, meu pai, meu tutor, meu parceiro, meu salvador, meu primeiro amor. Um verdadeiro anjo que apareceu para me guiar. E, embora anjos sejam seres supostamente assexuados, Jô é, ao contrário, um anjo deliciosamente masculino.

Quando conto da minha paixão por Jô, do amor profundo que ele despertou em mim e dos quase dois anos que namoramos, ainda tem gente (gente?) que me pergunta: “Mas como foi que você fez para transar com esse cara?”.

Minha vontade é devolver a pergunta com a única reação possível e dizer: “Oi?!”. Claro, eu percebia nossas visíveis diferenças de idade, de estatura e até de biotipo e, ao mesmo tempo que me surpreendia com a minha própria naturalidade e abertura em relação a tudo isso, vivenciava um conflito dentro da minha cabeça, onde um diabinho sussurrava: “Maria Claudia, esse não é o tipo de homem que você está acostumada a namorar! Você tem dezessete anos e ele, cinquenta e dois. Você é uma bailarina iniciante e ele, o astro de um programa de humor chamado *Viva o Gordo!* Ele não é pra você!”. Mas o diabinho nada podia diante do sentimento avassalador que aquele homem absolutamente sensacional despertava em mim.

Jô é um dos artistas mais completos do Brasil, seja como: humorista, ator, diretor, produtor, escritor, roteirista, um criador inigualável. Ele

entende de música, literatura, teatro, pintura, televisão, dança, gastronomia, cinema — e não tem um assunto sobre o qual não seja capaz de dissertar ou debater. Isso sem contar seu gosto sofisticadíssimo, suas tiradas inteligentes, sua rapidez de raciocínio. Não bastasse todo esse conhecimento, ele estudou muitos anos na Suíça, o que lhe deu fluência em diversas línguas. Posso dizer seguramente que nunca conheci ninguém mais culto que Jô Soares. Nem tão gentil, divertido, amoroso e atencioso desde o dia em que nos conhecemos, no dia 3 de janeiro de 1984.

Foi logo depois da estreia do musical *Chorus Line* no Teatro Tereza Rachel, em Copacabana. Vínhamos de uma temporada de estrondoso sucesso no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, e, apesar de algumas alterações no elenco, eu continuava fazendo o papel de Sheila, uma bailarina de quarenta anos que mentia ter trinta e dois e que eu começara a representar aos dezesseis.

Um dia, o produtor Walter Clark, alguns integrantes da produção e eu fomos a um famoso restaurante carioca e lá encontramos Jô Soares. Ele contou que tinha ido assistir a *Chorus Line* na matinê de sábado e me falou uma das coisas mais importantes da minha carreira e da minha vida:

— Olha, eu fui te assistir hoje e nunca vi no Brasil uma artista tão completa quanto você. Só vi uma pessoa com essa força, com esse carisma, esse talento, na Broadway. De dez em dez anos nasce uma estrela, mas de vinte em vinte anos nasce uma mulher como você. Eu quero você para o meu programa.

Ouvi todos os elogios com muita alegria, mas era difícil levar tudo aquilo a sério. Mas fiquei bem impactada, porque Walter Clark sempre dissera que eu me tornaria uma estrela e que, quando eu chegasse ao Rio de Janeiro, a Globo me pegaria e nunca mais me largaria.

Talvez o impacto tenha sido ainda mais profundo porque me lembrei das palavras que meu pai me disse antes de morrer, tentando imaginar meu futuro. O convite do Jô, a ideia de me tornar uma estrela da Rede Globo, tudo aquilo era muito estranho para mim. Eu nem pensava em trabalhar na televisão, quanto mais em um programa de

humor. Meu mundo era o teatro, os musicais, minha vida era a dança, a disciplina de acordar cedo, ensaiar o dia inteiro e dançar, cantar e representar todas as noites.

Pouco tempo depois do encontro com Jô no restaurante, eu estava na praia toda soltinha, com meu biquinão asa-delta enfiado na bunda, quando fui abordada por um homem que dizia ser da Rede Globo e querer fazer um teste comigo na emissora. “Teste...? Sei... que cantada barata...”, pensei.

Por via das dúvidas, mandei minha mãe no meu lugar para o tal teste. Ela acabou descobrindo que não só o convite era real como o “cara” que me abordara era Paulo Cesar Mariozzi, um dos redatores do *Viva o Gordo*.

Fiz o teste, passei e fui contratada para o elenco fixo do programa. Eu achava que seria apenas “uma das gostosas” que fariam figuração no programa, até descobrir que Jô tinha criado um quadro para mim. O Brasil vivia o *boom* das academias, e Jô fez o “Vamos malhar”, em que eu contracenava com ele, dançando, cantando e fazendo humor. Eu era Carola, e Jô, minha amiga Ciça, que tinha ciúme do professor de aeróbica vivido por Eliézer Motta. Jô e eu contracenávamos de *collant* colorido e nos divertíamos em cenas hilárias. Além do quadro, eu também participava de todos os números musicais do programa.

Ali, passei a trabalhar com os melhores e maiores comediantes, roteiristas, diretores, maquiadores, figurinistas e equipe técnica do país, e passei a ser conhecida em todo o Brasil, com meu novo nome. Sim, porque foi Jô quem me batizou artisticamente. Até então, eu era Maria Claudia Raia, nome que aparece, inclusive, na capa da *Playboy* de março de 1984. Jô tirou o “Maria” e, em abril, estreei na Rede Globo como Claudia Raia.

O cuidado comigo se estendia até para minha saúde. Um dia, Jô viu uma pinta que eu tinha na perna e disse que eu deveria ir a um médico ver o que era. Ele tinha acabado de tratar um melanoma e achava que aquilo podia ser canceroso. Marcou uma consulta, foi comigo e salvou minha vida: a pinta era mesmo cancerosa, e, graças a ele, eu me livrei dela a tempo.

Nossa convivência foi se intensificando, e àquela altura ele já estava apaixonado por mim. Eu não sabia ainda, não reconhecia, mas também estava completamente envolvida com ele. Descobri isso logo depois, em junho, quando chegou o Dia dos Namorados e ele me deu um presente. Era um brinco de brilhante exatamente como o que ele usava em uma das orelhas. E entendi que aquele brinco que ele tinha mandado fazer era como uma aliança de compromisso. E, por isso mesmo, não aceitei.

Recusei porque achei que eu não estava na mesma *vibe* que ele. Ele estava me namorando e eu não estava namorando ele.

Jô ficou um pouco surpreso com a recusa e disse que tinha mandado fazer o brinco com o maior carinho, especialmente para mim. Eu agradeci e disse que não podia aceitar aquele presente de Dia dos Namorados porque ele não era meu namorado.

Na verdade, eu estava namorando o Raul Gazolla, que era um dos homens mais lindos do Brasil e fazia *Chorus Line* comigo desde a temporada em São Paulo.

Raul era um querido. O único problema era me locomover com ele pela cidade como uma pessoa normal. Ele sempre foi apaixonado por motocicleta, e eu fui doutrinada pela minha mãe, em nível de lavagem cerebral, para jamais subir na garupa de uma moto. Nem andar de patins. Nem de skate. Nem de qualquer outra coisa que oferecesse perigo e pudesse causar danos ao meu principal instrumento de trabalho: meu corpo de bailarina. Sair com Raul virava uma piada, porque ele ia de moto e eu, de táxi. Jô, ao contrário, sempre adorou carros. Um dia era um Jaguar, no outro uma Mercedes. Carros e relógios sempre foram suas paixões. E, mais tarde, motos também.

Ele, que era obviamente a parte mais madura de nós dois, decidiu então, diante do impasse do presente não aceito, me convidar para jantar na casa dele. A ideia era colocar tudo às claras e resolver aquele relacionamento sem nome e sem rumo.

Naquela época, Jô tinha um funcionário, um faz-tudo que cozinhava e cuidava das coisas dele chamado Pepê, uma figura maravilhosa que inspirou um personagem de mordomo que Jô fazia em seu programa.

Para ficar a sós comigo, ele dispensou todo mundo na casa e só ficou Pepê, que era íntimo dele e fez nosso jantar, arrumando tudo na beira da piscina. No cenário perfeito, num clima romântico, Jô me disse que eu o via como um pai, um amigo, e que aquela situação não estava boa para ele, já que estava completamente apaixonado por mim e era claro que a recíproca não era verdadeira. E que ele não queria sofrer e, por isso, estava propondo que, a partir de então, nós fôssemos apenas amigos e não saíssemos mais juntos.

Naquele momento, foi como se a voz dele sumisse, o chão se abrisse, o mundo acabasse e eu fosse lentamente esfaqueada no meio do peito. A ideia de ficar sem ele me dava a sensação de morrer. Foi aí que me dei conta do quanto estava apaixonada por aquele homem. E, ao perceber aquilo, dei um “agarrão” nele e fui para cima. Foi aí que realmente nossa relação começou.

Eu não tinha nenhum interesse nas coisas dele, na fama dele. Era dele que eu gostava. Eu adorava tudo nele. O jeito, o cheiro, o beijo, as coisas que ele falava; eu não conseguia conceber a ideia de viver sem ele. Assumimos nosso namoro e, embora eu nunca tenha sido de noitadas ou baladas, passamos a sair juntos publicamente.

Foi em uma dessas noites em que Jô e eu fomos jantar na lendária boate e restaurante Hippopotamus, em Ipanema, que fumei maconha pela primeira (e última) vez.

Por conta da minha vida inteira como bailarina disciplinadíssima, filha de mãe absurdamente exigente, eu nunca bebi, nunca me droguei, nunca ingeri nada mais alucinógeno que água com gás ou um cigarro com filtro. E não foi por falta de oportunidade, porque, quando convivi com o icônico bailarino e genial coreógrafo americano Lennie Dale, dos Dzi Croquettes, vi de tudo.

Desci para o banheiro, um dos lugares mais agitados da boate, e alguém me ofereceu um “tapa”, dizendo que era só para experimentar, que não tinha problema nenhum. Como eu fumava cigarro, achei que o ritual seria o mesmo e, assim, dei três grandes tragadas, algumas várias tossidas e achei que não tinha feito nenhum efeito em mim.

Pouco depois, quando fui subir as escadas para voltar ao térreo, notei

que os degraus estavam um tanto cambaleantes. “Certeza que essa escada fumou maconha”, pensei. Eu, claro, estava completamente normal. Subi a escada dançante e fui para o andar principal. Jô me viu e se levantou, mas eu fui direto para a pista, onde me joguei no chão em posição fetal e, na certeza de que tinha me transformado em uma maçã, gritei para o público à minha volta:

— Me morde! Me morde!

Jô, em ataques de gargalhada, me puxou pelas pernas, pela canela, pelo talo e pelas folhinhas, e gentilmente me levou para a fruteira de sua casa até que o efeito passasse por completo.

Nossa relação era perfeita, mas nem todos eram tão generosos conosco como éramos um com o outro.

Durante nosso relacionamento, Hilton Marques, redator do Jô, uma pessoa divertida, debochada e inteligente, com seu falar lindo de pernambucano, nos ajudou muito. Ele foi o cupido que segurou as pontas quando um dos dois tinha medo de sofrer, medo de continuar, medo de terminar ou encarar a avalanche de preconceitos e maldades que muita gente desferia contra nós como casal.

Enfrentamos tudo com tranquilidade, eu com minha inconsciência juvenil, ele com a elegância de sempre.

Depois de quase dois anos, que vivemos como se fôssemos casados, Jô terminou comigo.

Não fui eu quem encerrou a relação, como muita gente imaginava que aconteceria. Foi ele.

Com todo o amor do mundo, Jô falou que sabia que não existia um futuro para nós dois e que, inevitavelmente, ele sofreria quando a gente se separasse. Que eu certamente me casaria com um homem da minha idade, do meu mundo, e que ele preferia abreviar esse sofrimento, terminando nosso relacionamento. Que ficaríamos amigos para a vida inteira. E foi assim que ele rompeu comigo e, pouco tempo depois, conheci Alexandre Frota e me casei com ele. Pode ter sido inconsciente, mas fiz exatamente o que Jô achou que seria o melhor para mim.

Tudo o que Jô e eu vivemos depois disso foi maravilhoso, uma relação de muito amor, um amor diferente, único, que até hoje tem um

lugar especial no meu coração.

Até hoje, mesmo sem nos encontrarmos com tanta frequência, ele está sempre, sempre comigo. No começo de 2020, quando eu estava em turnê em Portugal, pensava nele dia sim, dia não. Jô é uma pessoa de quem sinto saudade, para quem tenho vontade de ligar, com quem eu gostaria de estar.

Hoje, tenho certeza de que ele foi verdadeiramente o meu primeiro amor. Um amor que me transformou de menina em mulher, que me ensinou tudo o que sei de comédia, de televisão. Jô abriu um portal de amor em minha vida, e, por tudo o que vivemos juntos, sou eternamente grata a ele.

Sou grata, inclusive, por Pepê. Porque, depois de um tempo da nossa separação, cheguei para o Jô e disse:

— Olha, vou roubar o Pepê pra mim. Ele vai trabalhar comigo. Aliás, nem é roubar, porque eu estou avisando.

E assim foi. Pepê trabalhou vinte anos comigo, na minha casa, me ajudando em tudo. Além de ser uma criatura adorável, também era um pouco da presença de Jô no meu dia a dia. Pepê só não ficou mais porque, quando Jorge Fernando precisou de alguém para ajudá-lo, pedi que ele fosse para a casa de Jorginho, já que éramos todos uma espécie de família.

Pepê passou a cuidar de Jorginho, da mãe dele, dona Hilda, da minha mãe.

O ano de 2019 se revelaria um ano de muitas perdas, em que essas pessoas fundamentais em minha vida partiriam.

De todas, a maior delas aconteceu no dia 19 de março de 2019, quando um abalo sísmico me tirou o chão e, aos 95 anos, Odette Motta Raia, a bailarina mais elegante, a professora mais disciplinada, a mãe que me construiu e fez de mim quem sou, saiu de cena e, sob todos os aplausos da Terra, foi ser uma estrela brilhante no céu.

Copyrighted image

Meu aniversário de dez anos, sempre grudada nas três mulheres da minha vida.

UM SONHO DE MÃE

Dois dias antes do Natal de 1966, Maria, irmã de criação da minha mãe, uma mulher de sorriso tão largo quanto sua figura, teve um sonho premonitório e disse que minha mãe deveria ir imediatamente para o hospital para dar à luz.

Minha mãe estava no final da segunda gravidez. Ela tinha quarenta e quatro anos e já estava na menopausa, ou seja, era uma gestação de alto risco. Por isso, o próprio médico sugeriu interrompê-la, dizendo que a criança poderia nascer com problemas, recomendação que minha mãe, evidentemente, não seguiu.

Mamãe disse a Maria que não estava sentindo o mais remoto indício de estar entrando em trabalho de parto. É verdade que desde o parto de minha irmã mais velha, Maria Olenka, já tinham se passado seis anos, mas nenhuma mulher esqueceria detalhes como o rompimento da bolsa ou a sequência de contrações que prenunciavam o nascimento do bebê, nem que se passassem seis vidas.

Maria continuou contando o sonho, dizendo que a criança era uma menina bem branquinha, com cabelos escuros e longos até a cintura, e que tinha sido trazida por um disco voador todo iluminado, vindo de uma estrela distante. E que, assim que o disco voador pousava, a menina descia e dançava e corria, girava e dançava.

Talvez tenha sido o impacto do termo “disco voador”, mas minha mãe achou melhor não contrariar Maria e tratou de ir logo para o hospital com meu pai.

Não sei se existe uma explicação na medicina, na ufologia ou no além, mas, assim que entrou no hospital, minha mãe foi colocada em

uma maca e empurrada às pressas para a sala de parto, porque a menina branquela de cabelos escuros, ainda nos corredores do hospital, já espiava pela cortina, apressada para entrar no palco da vida.

E foi assim, sem ensaio, sem bolsa rompida, sem contrações, que entrei em cena neste mundo, no dia 23 de dezembro de 1966, véspera da véspera do dia de Natal, estreando antes de Papai Noel.

Aquele sonho premonitório passou a ser motivo de muitas conversas entre mim e minha mãe, porque me tornei exatamente a menina que Maria descreveu. Só a parte de ter vindo de uma estrela é que não tenho certeza; o que sei é que meu avô Joaquim não veio de Alpha Centauri, mas de Trás-os-Montes, Portugal.

Como a maior parte dos imigrantes que saíram da Europa no fim do século XVIII, meu avô, Joaquim Motta, veio trabalhar nas lavouras de café, com muita coragem e sem um tostão, mas acabou construindo um império cafeeiro em Campinas, interior de São Paulo. Virou um barão do café e carimbou seu sucesso com seu sobrenome, o Café Motta.

A mulher dele, minha avó materna, dona Ernestina Motta, era uma pessoa alegre e adorável, que amava dança e, aos 85 anos, ainda dava aulas de dança de salão. Ela era muito divertida, extrovertida, praticamente do signo de Dercy Gonçalves, com ascendente em Nair Bello.

Minha mãe, ao contrário, sempre foi uma dama inglesa. Fina, classuda, educadíssima, sofisticada, um impávido colosso que falava um português tão correto que fazia Miguel Falabella ficar mudo só para apreciar sua prosódia.

Assim como minha avó, minha mãe sonhava em dançar, mas não dança de salão: Odette Motta queria ser bailarina clássica, o que sugere que minha paixão pela dança não veio do espaço sideral, mas de família.

Agora, atente para a linha do tempo: minha mãe nasceu em 1923, ou seja, foi adolescente no final dos anos 1930. A ideia de ser bailarina era um escândalo para qualquer família tradicional da época, especialmente com um pai português conservador, em um tempo em que uma mulher “artista” era sinônimo de prostituta. O jeito era estudar balé escondido.

Assim, Odette passou a fazer aulas “secretas” com o russo Leo Mandel, que havia fugido da então União Soviética. Mais tarde, entraria para a companhia de dança de Maria Olenewa, bailarina nascida em Moscou que trouxe o balé clássico para o Brasil.

A vida de Odette era dançar oito horas por dia e ainda estudar música. Antes dos vinte anos, já era musicista, pianista e uma promissora bailarina clássica. Aos 22, prestes a estrear como protagonista do balé *Romeu e Julieta*, minha mãe foi passar uns dias no Guarujá, onde a família tinha uma casa de praia. Ela estava jogando vôlei com os amigos quando, de repente, alguém chamou por ela; em uma virada brusca, ainda com os pés fincados na areia da praia, rompeu os quatro meniscos. A carreira oficial de bailarina dedicada e talentosa terminava ali.

Ela passou por cirurgia nos dois joelhos, mas os recursos da época não permitiam que voltasse a dançar. Minha mãe fez toda a recuperação de fisioterapia sozinha, usando seu conhecimento de exercícios, sua tenacidade e persistência, até conseguir recuperar os movimentos e andar sem dificuldade. Mas dançar profissionalmente era um sonho encerrado.

Encerrado talvez não seja o termo mais adequado, porque as mulheres da família Motta têm o condão de adaptar sonhos até que eles se encaixem em nossas possibilidades. Mamãe, que já era musicista, fez um curso e virou uma maestrina. E mais, se a taurina Odette não podia ela própria se tornar uma bailarina profissional, com certeza poderia ensinar milhares de meninas a dançar.

Assim, quando eu nasci, a “casa dos Motta”, o casarão de trinta e dois cômodos do meu avô Joaquim e de minha avó Ernestina, na esquina da rua Barão de Jaguará com a rua Ferreira Penteado, em Campinas, já tinha se transformado na sede da Academia de Artes Odette Motta Raia, uma das mais importantes escolas de dança da região, que chegou a ter mais de dez unidades.

Ou seja, valeu a pena ter vindo de uma estrela tão distante para nascer em Campinas, porque peguei a melhor nave mãe do mundo, aquela que desde o primeiro dia de vida me ajudou a realizar o sonho de

correr, girar e dançar. E, entre um e outro, aprontar algumas coisas inenarráveis na pré-adolescência, incluindo atitudes péssimas, como perder a virgindade com o namorado da minha irmã, aos treze anos de idade.

Ou seja, o médico que disse para a minha mãe que a criança poderia vir com alguns problemas não estava tão errado assim.

Copyrighted image

Família reunida, por pouco tempo, mas muito presente em minha memória.

MEU PAI

A pergunta mais tola que alguém poderia fazer para mim na infância era: “O que você quer ser quando crescer?”. Primeiro, porque a premissa “quando crescer” era risível. Talvez “quando eu parasse de crescer” fosse mais adequado. Segundo, porque não restava nenhuma dúvida de que eu tinha nascido bailarina.

Aos dois anos, comecei a ter aulas de balé na academia da minha mãe e, aos três, estreei no palco dançando *O bem-te-vi atrevido*, de tutu, sapatilha e uma roupa de penas para que todos bem-me-vissem.

A alegria do sucesso precoce, porém, se perdeu diante de um marco de dor absurda para mim, minha irmã Olenka e minha mãe: a morte prematura de meu querido pai, Mário Raia, aos cinquenta anos.

Meu pai era um homem bonito, carinhoso, sofisticado, apreciador de boa gastronomia, sem vícios e sempre presente. Ele trabalhava como vice-presidente em uma grande multinacional e descobriu que um colega de muitos anos de empresa tinha desviado dinheiro da companhia. Por conta desse roubo, teve que mandá-lo embora.

Foi uma situação muito chata, porque eles eram conhecidos e a mulher dele, que era banqueteira, costumava presentear meu pai com pratos exóticos, como faisão e javali.

Depois da demissão, a banqueteira, em um suposto gesto de desculpas, deu de presente um pato assado, dizendo-se muito envergonhada pelo malfeito do marido. Papai ficou muito tocado com a visita e com o gesto.

Minha mãe conta que a forma como meu pai pegou o pato para comer foi estranhíssima, totalmente fora do usual. Ele, que primava pelas boas maneiras, que comia asa de frango com garfo e faca, pegou a

ave com as mãos, comendo-a com uma voracidade desmedida, e não a ofereceu pra ninguém nem falou nada, apenas devorou o prato inteiro.

Dois meses depois desse episódio, meu pai, que só bebia socialmente, começou a beber todos os dias, o tempo todo, qualquer tipo de bebida. Chegava com garrafa em casa e passou a beber qualquer coisa que contivesse álcool, até perfume. No final da vida, quando ele já estava muito doente, teve que ser internado em um hospital.

Lembro-me perfeitamente do dia em que minha mãe me tirou da aula de manequim dizendo que eu tinha que ir com ela e Olenka ver meu pai. Fiquei transtornada, revoltada, com ódio de ter que sair no meio da aula. Mas foi naquela visita que meu pai chamou cada uma de nós para conversar e me disse que eu tinha nascido para brilhar. E falou mais: que eu deveria ter força para saltar todos os obstáculos que surgiriam em minha vida, porque eu chegaria aonde eu queria e ele estaria sempre olhando por mim.

Aos quatro anos, não entendi muito bem o significado daquilo, mas guardei cada palavra daquele último momento entre nós dois. E naquela noite, um ano depois do episódio da demissão, meu pai morreu de cirrose hepática.

Foi minha madrinha quem me deu a notícia. Minha mãe ficou completamente transtornada, de um jeito que nunca mais vou esquecer. Nada daquilo fazia sentido, era não só doloroso e desestruturante como totalmente incabível.

Lembro que, quando meu pai estava sendo velado, todo mundo que chegava olhava para o caixão e chorava. E a cena se repetia com cada pessoa que chegava: olhava para o caixão e chorava. Só que eu não alcançava o caixão. Pedi para meu tio João me levantar, porque queria olhar também. Ele não quis fazer isso, para poupar uma criança tão pequena daquela visão, mas insisti, porque queria ver meu pai também, como todo mundo estava fazendo. E pedi e implorei, até que um tio me ergueu para que eu olhasse.

Não sei se foi uma visão ou um mecanismo de autodefesa do meu cérebro infantil, só sei que, quando olhei, o que vi não foi a imagem do meu pai no caixão, mas a imagem de Jesus Cristo, deitado, olhando para

*image
not
available*

competência de produzir alguns looks pra mim? Inaceitável. Cinderela também não tinha roupa e acabou indo ao baile em uma abóbora com um vestido chiquérrimo costurado por camundongos e sapatos de cristal, tudo com produção assinada por uma fada madrinha. Eu ia desfilas, sim! E ia ser minha própria Fada Madrinha.

Fui sozinha a uma loja de roupa infantil da cidade, perto da escola de minha mãe, chamada Casa Veip; entrei, me apresentei como filha de Odette Motta Raia, que estava promovendo um desfile no Cultura Artística, e falei que precisava de roupas infantis porque só tinha roupa de adultos no desfile.

A dona da loja deve ter gostado do meu jeitinho e disse que eu podia escolher tudo o que eu quisesse. Como minha irmã tinha seis roupas para desfilas, decidi escolher seis looks completos para mim também, incluindo sapatos e brincos. Terminada a produção, fui sozinha com minha sacola gigantesca até a academia e de lá para o evento, onde minha mãe estava.

Antes que ela perguntasse qualquer coisa, já fui avisando:

— A senhora disse que não tinha roupa de criança, mas tem, sim. Olha aqui. — E mostrei a sacola. — Pode me botar no desfile com seis entradas, igual à Olenka.

Eu não apenas desfilei como vendi todas as roupas do desfile e virei top model da Casa Veip; até foto fiz. Minha entrada por fórceps no mundo da modelagem ainda teria outros desdobramentos. Com dez anos, fechei um desfile como manequim para ninguém menos que Clodovil Hernández, um dos estilistas mais destacados da história da moda no Brasil.

Era divertido desfilas, mas dançar era minha vida. Tudo o que dizia respeito à dança me interessava desde muito cedo. E quando digo “muito cedo”, quero dizer que aos sete anos, quando eu estava assistindo ao *Jornal Nacional* com minha mãe, vi o dançarino e coreógrafo norte-americano Lennie Dale dançando com seu grupo recém-criado Dzi Croquettes e fiquei de queixo caído. Falei:

— Mamãe, eu danço igual a esse homem! Preciso conhecer ele!

E comecei a enlouquecer minha mãe pra ver os Dzi Croquettes. Eles

*image
not
available*

Acompanhei toda a sua genialidade e sua loucura. Vi Lennie criando, dançando, cheirando, se picando, consumindo todo tipo de droga, mas jamais permitindo que eu chegasse perto de qualquer coisa. Ele dizia que para ele era um caminho sem volta e que eu, como bailarina, nunca usaria nada daquilo. Ver as consequências do vício de Lennie me blindou contra as drogas.

Seis meses antes de falecer, morando em Nova York, onde fazia seu tratamento contra a aids, ele quis vir ao Brasil para me ver e para ver Betty Faria. Betty e eu compramos as passagens, e ele veio. Eu estava fazendo o espetáculo *Não fuja da Raia* no Teatro Ginástico, e ele me pediu para ir ao teatro mais cedo, porque queria fazer uma coreografia para mim.

No cenário do meu musical, havia uma penteadeira, e Lennie marcou para que eu começasse ali, ao som da belíssima canção que ele e eu amávamos, “And I Am Telling You I’m Not Going”, do musical *Dreamgirls*. E, na coreografia, ele marcou para mim uma pirueta dupla, em que eu tinha que me abaixar, levantar a perna lá no alto e fazer mais duas piruetas abaixada, uma coisa impossível. Fiquei com ódio dele! Como é que ele fazia uma coisa daquelas comigo? A resposta foi:

— Ué? Você não é bailarina? Então faz!

E isso porque ele me amava. Ou seja, sempre me botava à prova, sempre me desafiava a ser melhor.

— Mas essa pirueta não é de bailarina, é de patinadora — eu disse.

— Não interessa, o coreógrafo pediu, então você tem que fazer. Você fica aí ensaiando que amanhã eu quero ver.

Em 9 de agosto de 1994, ele se foi. Meu convívio com Lennie durou duas décadas, e minha gratidão a ele é infinita.

Lennie tinha um respeito absurdo pelo palco. Eu amava o palco, mas gostava também da passarela, da câmera, do canhão de luz. Eu sabia o que eu era e aonde queria chegar: era uma bailarina e queria fazer sucesso. Por isso me dedicava tantas horas, todos os dias.

Eu ia para a escola das sete da manhã até a uma hora da tarde e me concentrava muito em aprender e fazer todas as lições para tirar notas altas. Não que eu fosse um gênio, mas queria passar de ano para me

O tempo todo, minha mãe achava que eu estava mentindo, ela me conhecia. Mas seguimos adiante e fomos até a escola, para falar com a secretária. Eu estava tão nervosa que tremia inteira e fiz xixi na calça. Chegando lá, mamãe foi direto ao ponto:

— Eu falei com você agora pelo telefone e vim aqui pra esclarecer tudo. Filha, pra quem você entregou o cheque?

— Para ela. — E aponte para a secretária.

— Você não me entregou nenhum cheque — disse a moça.

— Entreguei, sim. Deve ter caído aí dentro, sei lá, mas eu te entreguei o cheque. Eu até entrei correndo e fui para a aula.

— Mas não é possível! Esse cheque nunca chegou na minha mão...

— E a moça começou a se desesperar e a chorar.

Eu me senti péssima naquela hora, pois sabia que estava sendo uma pessoa horrível. Mas, entre ser uma pessoa horrível e ser morta pela minha mãe, preferi ser horrível.

— Bom — disse minha mãe —, eu não sei, então vocês se acertem aí, porque eu não vou pagar a mensalidade duas vezes. Se tiver que falar com alguém, eu falo, mas pagar de novo, eu não vou.

A partir daquele dia, minha vida virou um inferno, porque eu tinha que conseguir arrecadar o dinheiro de qualquer jeito. Então, fui vendendo coisas que eu tinha, fiz pulseirinhas, bijuterias para vender na rua, economizava o dinheiro que minha mãe me dava para qualquer despesa ou para comer, não gastava nada e ia juntando para consertar a besteira que eu tinha feito. E com o dinheiro das vendas e dos ingressos dos shows que fiz na casa da Patrícia, que cada vez tinham mais audiência, consegui chegar no valor da mensalidade. Peguei todo o dinheiro e fui à escola de inglês.

Falei com o dono e descobri que a menina tinha sido demitida. Aí, as duas metades de mim morreram um pouco. Pedi pelo amor de Deus que ele a readmitisse, porque a culpa tinha sido toda minha e contei o episódio todo do vestido. Ele começou a rir.

Implorei para que ele aceitasse o dinheiro, trouxesse a menina de volta para trabalhar na escola e não contasse nada para minha mãe. O homem disse que ia readmitir a secretária, mas que eu não deveria fazer

EX-VIRGEM

Uma das minhas grandes mestras de dança de São Paulo foi a professora Toshie Kobayashi. Eu dançava em todos os espetáculos e festivais dela, em tudo o que ela fazia, e nesses eventos eu tinha um parceiro frequente, o Jorge, namorado da minha irmã. A Olenka não gostava dele pra valer, era um namoro tapa-buraco, mais para não ficar sozinha.

Com ele, eu dancei *Pássaro azul*, *Clair de Lune*, a coda de *Dom Quixote* e, de tanto dançar, acabei me apaixonando por ele. Enquanto ele e a Olenka namoravam. É.

Só esse fato seria ruim o bastante, mas houve um fator bem mais complicado. Um, não, dois. O primeiro: Jorge tinha na época 32 anos e eu, 13. O segundo: perdi a virgindade com ele.

Lembro exatamente a roupa que eu estava usando naquele dia. Estava vestida toda de jeans. Calça jeans, sobretudo jeans, bota jeans, cérebro jeans.

Lembro-me também do apartamento no Jabaquara onde nos encontramos e que eu quase incendiei. Apesar de ter passado pelo Método Odette Motta Raia de antitabagismo, engolindo a seco um cigarro apagado com filtro, eu ainda fumava. E, em algum momento mais quente do nosso encontro, joguei o cigarro aceso em qualquer lugar, para desocupar minha mão. A brasa pegou na cortina altamente inflamável, que se incendiou imediatamente e grudou no teto, como um monstro carbonizado.

Não descarto a possibilidade de ter sido o Universo usando o elemento fogo para me tirar dali, mas meu próprio fogo falou mais alto.

Sei que a ideia de uma menina tão jovem com um homem tão mais velho não apenas causa um grande desconforto como, desde 1990, tipifica crime de estupro de vulnerável, mesmo no caso de o menor

NEW YORK, NEW YORK

Qualquer menina que chegasse nos dias de hoje a Nova York, pela primeira vez, sozinha, aos treze anos de idade, sentiria o enorme impacto de estar na cidade mais populosa dos Estados Unidos, um dos destinos mais visitados do mundo, a capital cultural do planeta. Agora, imagine como me senti, nessas mesmas condições, não apenas chegando ao “topo do mundo”, mas tendo saído de Campinas, no interior de São Paulo, no final de 1979, quando não existiam nem celular, nem internet e não era possível mandar mensagem para casa dizendo “mamãe, cheguei bem”.

Até porque “chegar bem” não era exatamente o caso, considerando-se que viajei com a roupa mais equivocada do mundo — um tailleur de seda azul-petróleo — e ainda desembarquei chorando porque percebi que tinha perdido minha chupeta no avião. Eu sei que muita gente estranha uma pessoa que já transa mas ainda chupa chupeta, embora as duas atividades tenham lá suas correlações. Ocorre que a prática não é assim tão rara. Não tenho nenhuma fonte científica confiável para citar, mas, em minha defesa, li em um tabloide inglês que um em cada dez adultos chupa o dedão, hábito bem pior que chupar chupeta, já que não dá para largar o vício por ter perdido o dedão durante uma viagem.

Perder minha chupeta brasileira me obrigou a abandonar por completo esse importante apoio emocional, porque até tentei comprar uma chupeta local, mas não me adaptei. As chupetas norte-americanas eram estranhamente achatadas e desagradavelmente ortodônticas, muito diferentes das que eram vendidas aqui, redondinhas e macias. Nem do nome eu gostei. Imagine que, em inglês, chupeta se chama